

**O ALUNO DA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*: IDENTIDADE,  
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

**Rita Tatiana Cardoso Erbs**

Doutora em Educação, professora da Universidade Federal de Catalão  
professoraritaerbs@gmail.com

**Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho**

Doutoranda na Universidade federal de Uberlândia  
eloanerodrigues@yahoo.com.br

**Lorena Láisse Silva Avelar**

Mestra em Educação Universidade Federal de Goiás  
lorenynhagogo@hotmail.com

**Resumo**

O presente artigo visa compreender as perspectivas dos alunos que buscam a pós-graduação *stricto sensu* no contexto atual, bem como discutir as performances das universidades públicas e privadas para se manterem na sociedade em que o livre mercado ganha notoriedade a cada dia que passa. Em suma, podemos adiantar que tanto os alunos quanto as universidades vivenciam um período de uma acentuada economia neoliberal, situação que tende a promover inúmeras incertezas na população em geral. Com isso, algumas pessoas, após a conclusão do ensino superior ao visarem novas oportunidades, precisam dedicar a continuidade dos estudos em instituição ora pública ora privada. Essa escolha decorre, inclusive pela condição econômica do alunado, por possibilidades de relacionar o trabalho cotidiano com a pós-graduação e a proximidade com o local onde vive. Portanto, para compreender essas pluralidades de perspectivas entre a relação da instituição e os seus adeptos, recorreremos a um levantamento bibliográfico assente na área da Educação e das Ciências Sociais aliadas às metodologias: observação participante e as entrevistas semiestruturadas, visando uma pesquisa qualitativa.

**Palavras-chave:** Universidade; alunos; desafios; perspectivas.

**THE STRICTO SENSU GRADUATE STUDENT: IDENTITY, CHALLENGES AND  
PERSPECTIVES**

**Abstract**

This article aims to understand the perspectives of students seeking *stricto sensu* postgraduate studies in the current context, as well as to discuss the performance of public and private universities to remain in the society where the free market gains notoriety with each passing day. In short, we can say that both students and universities are experiencing a period of marked neoliberal economy, a situation that tends to promote countless uncertainties in the general population. As a result, some people, after completing higher education when looking for new opportunities, need to dedicate their studies to a public or private institution. This choice arises, also due to the economic condition of the students, due to the possibilities of relating daily work to graduate school and the proximity to the place where they live. Therefore, to understand these pluralities of perspectives between the institution's relationship

and its supporters, we used a bibliographic survey based on the area of Education and Social Sciences combined with methodologies: participant observation and semi-structured interviews, aiming at qualitative research.

**Keywords:** University; students; challenges; perspectives.

## Introdução

Ao refletir sobre as pluralidades de perspectivas que levam várias pessoas a darem continuidade aos estudos após a conclusão do Ensino Superior no Brasil, nos conduz a principal indagação: as incertezas sobre a carreira profissional são reduzidas quando o aluno adentra a pós-graduação *stricto sensu*? Para responder esse questionamento é necessário ouvir os sujeitos, a fim de identificar e compreender os seus desafios diários em relacionar-se ao panorama da universidade contemporânea.

A proposta do presente artigo é discorrer sobre as pluralidades despertadas nos alunos e, como associam seus interesses aos ideais da Economia Neoliberal que tanto avança no cenário brasileiro, sobretudo dentro das universidades. Entendemos a importância dessa discussão, para de fato trazer a tona esse *silenciamento* que certa maneira acontece nos *bastidores* da pós-graduação, já que nem sempre ocorre um acordo entre as perspectivas individuais (aluno) com a instituição de ensino (universidade).

A educadora Maria José da Silva (2009, p. 235), afirma que, após os anos 80, é intensificada “uma política pública de parques investimentos na educação e, conseqüentemente, nas instituições públicas federais de ensino superior, o Governo, em contrapartida, ofereceu subsídios a expansão do setor privado”. Essa reflexão perpassa o contexto do Estado de Goiás, porém sabemos que essa expansão buscou atender todo o território brasileiro, a fim de fortalecer a mão de obra e angariar lucros as grandes potências que lideram o *ranking* mundial.

Entretanto, a universidade, na concepção de Marilena Chauí (2003, p. 5), “é uma instituição social, e, como tal, exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo”. O conhecimento deixou de ser a prioridade, em vista da necessidade de uma formação do alunado mais rápida, a fim de atuarem no mercado de trabalho. Essa situação pode ser interpretada por vários vieses e, cada uma pode oferecer concepções ora positivas ora negativas dessa nova concepção do espaço universitário.

Diante disso, acreditamos que o problema não é unir a teoria com a prática, mas sim priorizar uma prática sem um alicerce que possa propiciar uma educação democrática, de

qualidade e gratuita, independente da classe social. Aqui, compartilhamos que *a forma como adentramos ao campo de pesquisa influencia o que pretendemos* (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 134), pois buscamos uma discussão crítica sobre a conjuntura que está inserida a pós-graduação *stricto sensu*.

Para alcançar o principal objetivo proposto neste artigo, iniciaremos abordando os reflexos econômicos sobre a educação brasileira e suas possíveis interferências na formação identitária do sujeito. Posteriormente, nós nos debruçaremos em uma análise qualitativa das compreensões do aluno sobre a universidade, a fim de identificar os desafios impostos pela sociedade contemporânea entre o trabalho e o conhecimento.

### **Sociedade contemporânea: educação, identidade e economia neoliberal**

Educação na pós-graduação *stricto sensu*, a princípio, é o tema no qual nos debruçamos em discorrer nesse acessível estudo. Mesmo sendo um assunto muito extenso, e que requer múltiplos *olhares* pelo intérprete, acreditamos que está longe de ser esgotado devido à sua importância, sobretudo para a compreensão do âmbito social. No contexto atual vivenciamos um momento de muitas incertezas, que despertam nos sujeitos inúmeras dúvidas sobre qual caminho seguir, a saber, a formação acadêmica.

A escolha de um programa de pesquisa muitas das vezes parte pela escolha da universidade. Então, porque uma pessoa, após concluir um curso de graduação, ainda almeja dar continuidade na busca por uma titulação? Para responder essa indagação, necessitaríamos de um amplo estudo de caso. No entanto, não é o nosso objetivo até o presente momento. O que queremos é instigar o senso crítico sobre a nossa realidade e confrontá-la ao aspecto econômico a partir de análises mais concisas.

Para avançar nas discussões sobre a temática é preciso destacar as perspectivas da filósofa Marilena Chauí (2003; 2011) com o intuito de compreender os rumos da universidade pública, bem como a formação de ideologias e a cultura no território brasileiro. Deve-se considerar que a abordagem da autora revela que realmente perpassa um olhar de uma pessoa que vivenciou as exigências neoliberais.

E, reconhece que, para atendermos aos anseios das hegemonias internacionais, é imprescindível que o objetivo primordial da universidade pública, da mesma maneira da privada, seja colocar em segundo plano tanto o conhecimento quanto a formação do indivíduo. Essa concepção obteve maior notoriedade após os anos 1980, período em que se

intensificou a concepção de educação como um serviço, e que poderia ser atendida por setores privados ou até mesmo privatizada.

A partir de então, sucedeu muitos embates por parte dos representantes da universidade pública, embora os interesses advindos com essa nova concepção de instituição de ensino gradativamente foram prevalecendo no cenário brasileiro. Com isso, as universidades públicas passaram a ser concebidas como uma organização social e não mais como uma instituição que buscava refletir, analisar, compreender, argumentar e, principalmente formar docentes e discentes para *transformar* a realidade em que vivem.

De acordo com Chauí (2001),

[...] os jovens estudantes consideram a determinação da universidade pelo mercado e as agruras da profissionalização e da competição como algo natural e como se houvesse sido sempre assim, não lhes parecendo que as questões postas à universidade ou postas por ela à sociedade e ao Estado pudessem ter sido diversas das que hoje conhecem ( p. 5),

Esse aspecto de normalidade dentro da educação, principalmente a ideia de alta produtividade do conhecimento, propicia sérios problemas no âmbito geral, pelo fato de propagar concepções de que o processo seja simples. E que existe uma *fórmula mágica* para adquirir habilidades e competências que tanto são exigidas no mercado de trabalho. A padronização tanto falada na educação não leva em consideração as particularidades dos alunos, essas que tendem a influenciar (in)diretamente no processo acumulativo do conhecimento.

Nesse sentido, infere-se que todo o tempo dedicado em atender aos prazos<sup>1</sup> estabelecidos pelos programas de pós-graduação, ainda assim será insuficiente, em virtude da almejada alta produtividade que são cobradas pelos setores superiores à instituição universitária. O conhecimento passou a ser reconhecido como um produto que pode ser comercializado no livre mercado, deixando a mercê a sua concepção de direito de todos(as).

A educação democrática, de qualidade e de direito, no contexto atual, tornou-se um assunto recorrente, pelo fato dos Governos não a priorizar em suas performances cotidianas. Aqui, é primordial enfatizar as concepções de Jacques Derrida (2003) por destacar que a universidade também precisa priorizar o processo de ensino-aprendizagem. Para o filósofo,

---

<sup>1</sup> Aqui, referimos aos os prazos de publicações, participações em eventos, leituras diárias e semanais que envolvem as disciplinas, bem como o levantamento bibliográfico para a *construção* da pesquisa e o trabalho de campo para conhecer o objeto de estudo.

A Universidade deveria, portanto, ser também o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia; nem mesmo a ideia tradicional de crítica, como crítica teórica, nem mesmo ainda a autoridade da forma “questão”, do pensamento como “questionamento”. (DERRIDA, 2003, p. 18).

Essa proposta de *desconstrução* da universidade nos instiga a considerar o conceito de identidade e correlacioná-lo a essa perspectiva de Derrida (2003), pois só podemos desconstruir algo que foi construído. O sociólogo Stuart Hall (2014, p. 24), compreende por identidade algo que seja formado com o passar do tempo [...] *existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade*. Ela permanece sempre incompleta, está sempre *em processo*, sempre *sendo formada*.

Em suma, *as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas* (HALL, 2014, p. 109). Portanto, compreendemos que existem várias identidades, e somente surgem no interior de um jogo de modalidades particulares de poder. Nesse caso, optamos em abordar a relação da Economia Neoliberal com o processo de transformação no papel da universidade, a partir dos anos 1980.

No referido período, acentuou-se uma nova transformação no âmbito da educação brasileira, pelo fato de ser concebida como um alicerce para as políticas externas e internas de crescimento econômico. Nesse momento, retomamos a Derrida (2003) por propor uma comparação da universidade como uma profissão de fé, pois a ideologia de autonomia somente pode existir quando há um livre mercado em ascensão.

A universidade compreendida como uma organização não possui liberdade incondicional. Portanto, ao pensar sobre o contexto atual do papel da universidade como um espaço que visa atender a lógica de mercado, torna-se indispensável refletir sobre a teoria política econômica neoliberal que norteia a sociedade como um todo. Deve-se considerar que esse modelo *neoliberal* pode ser concebido como um desdobramento do *liberalismo* instituído ainda no século XVIII, além de ser como uma forma de ruptura do estilo Keynesiano que foi estabelecido a partir de 1950.

É necessário ainda considerar que esse modelo Keynesiano, segundo Fonseca (2010), separou o liberalismo do neoliberalismo. Infere-se que o modelo Keynesiano não conseguiu permanecer como um modelo econômico, pelo de fato de responsabilizar o Estado como um detentor dos meios de produção, bem como o tornava responsável por aqueles que

correspondiam ao povo de sua nação, ou seja, impedia o avanço do livre mercado e a acumulação de riquezas. O autor salienta que as críticas de John Maynard Keynes (1883-1946) ao liberalismo, rompem com o padrão dos que lhe antecederam.

A princípio, buscamos compreender o que difere o modelo liberalismo do neoliberalismo, já que o recorte temporal do presente artigo decorre dos anos 1980 até o período atual e perpassa os efeitos do *neoliberalismo* no âmbito da educação. Aqui, concebemos o liberalismo como um modelo econômico que buscou fortalecer o capitalismo, tendo como intuito primordial a ideia de que a iniciativa privada pudesse agir livremente com pouca ou nenhuma restrição governamental.

O seu idealizador, o filósofo escocês Adam Smith (século XVIII), defendia que esse liberalismo proporcionasse uma livre competição entre os diversos fornecedores de tal modo que forçaria menores preços e uma melhor qualidade dos produtos. Nesse sentido, propiciaria mecanismos de autorregulação das condições socioeconômicas, sobretudo o acúmulo de riquezas, bem como o desenvolvimento da nação.

No entanto, Smith não levou em consideração que esse modelo enalteceria uma grande miséria para aqueles que não possuíam os meios de produção, já que esse novo modelo de riqueza de maneira móvel e lucrativa visava enfatizar a relação desigualdade. No início dos anos 1980, ocorre uma reviravolta na conjuntura econômica, política e social e, as ideias do liberalismo obtêm maior notoriedade com o surgimento do neoliberalismo.

Desde então, surge uma relação complexa dentro da sociedade, que pode ser considerada (des)humana, em vista de propagar a ideia de que para cada ganhador existe milhares de perdedores. E, o mais problemático é que essa concepção ao ser aceita propicia poucos embates entre os indivíduos, pelo fato de incorporar no grupo a concepção de que essa individualidade e competição são normais e recorrentes.

Essa situação influencia na formação da identidade do sujeito, na medida em que o classifica dentro da sociedade. Além disso, reforça a concepção de que, para alcançar a satisfação profissional, pessoal, entre outras utopias, é necessário estar em constantes buscas oferecidas pelo livre mercado. Ou seja, estabelece a ideia de que tudo o que está disponível e possível ser adquirido, sem levar em consideração o âmbito social de desigualdades, cultural e sociopolítico.

Dentro da pós-graduação, são perceptíveis inúmeras motivações em dar continuidade aos estudos, que decorrem desde a busca de mais conhecimentos, bem como a uma possível recolocação no mercado de trabalho. A seguir, discutiremos mais detalhadamente a situação

dos programas de pós-graduação das universidades e os anseios dos alunos enquanto pesquisadores e docentes no Brasil.

### **Universidades *versus* alunos**

Ao avançarmos as discussões sobre a pós-graduação *stricto sensu* a partir das perspectivas da universidade e dos alunos, procuraremos exhibir as pluralidades despertadas nos alunos egressos e, assim, desvelar as expectativas quando entraram em um determinado curso e os principais elementos que fazem estes egressos procurarem uma pós-graduação.

É certo que se teve um avanço no ensino de pós-graduação no Brasil ocasionado pela expansão do número de programas com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Capes. Na avaliação trienal de 2013 realizada pela Capes, referente ao período de 2010 a 2012 destaca um crescimento de 23% dos cursos de pós-graduação. O documento ressalta que o desenvolvimento e expansão da pós-graduação aconteceu em todas as regiões do país; a região norte teve um crescimento de 40%, seguida do Centro Oeste com 37%, Nordeste com 33%, Sul com 25%, e Sudeste com 14%.

Outra forma de observar este crescimento segundo a avaliação trienal é através da produção intelectual e o número de mestres e doutores titulados. Os dados de produção intelectual apontaram um aumento de 34% de publicação de artigos em periódicos científicos (171.969 em 2012) e o aumento de estudantes que obtiveram título de mestre e doutor subindo de 50.411 em 2010 para 60.910 em 2012.

Severino (2009, p. 18) destaca que “a condução da vida na pós-graduação deve ser integralmente impregnada pela incorporação de um espírito investigativo e dedicada a uma efetiva prática docente”. Savianni (2000) destaca que os cursos de pós-graduação são entendidos como aqueles que são realizados após uma graduação. A pós-graduação *stricto sensu* está alicerçada sob as formas de mestrado e doutorado, possuem objetivos próprios que são distintos da graduação: “Nessa condição, diferentemente dos cursos de graduação que estão voltados para a formação profissional, a pós-graduação *stricto sensu* se volta para a formação acadêmica traduzida especificamente no objetivo de formação de pesquisadores. (SAVIANNI, 2000, p. 2).

Apesar dos avanços da pós-graduação no país, e sua finalidade, que é a formação de pesquisadores, alguns pensadores destacam como ao longo dos anos as pesquisas passam por

mudanças significativas e conseqüentemente como que essas mudanças acarretaram para as universidades.

Marilena Chauí (2003) traz reflexões sobre as mudanças sofridas nas universidades, surgidas principalmente com a Reforma do Estado. Estas reformas definiam os setores que iriam compor o Estado, onde a educação, a saúde e a cultura tornam-se não exclusivas para o Estado; dessa forma, a educação passa a não ser mais um direito, mas um serviço prestado.

A autora destaca que o Estado e o Capitalismo trouxeram mudanças radicais para a universidade. Com essas mudanças as universidades passam a ser denominadas universidades operacionais, onde serão regidas por contratos de gestão, flexibilidade, avaliação por índices de produtividade; a docência passa a ser transmissão de conhecimento sem valorizar o essencial, que é a formação; a pesquisa será desenvolvida apenas para focar em aspectos que precisarão de uma intervenção rápida e eficaz. As pesquisas estarão sob as exigências do mercado e serão impostas pelo mercado financeiro, conseqüentemente, o conhecimento será conduzido pela lógica do mercado.

Marilena Chauí (2001) destaca que a palavra *modernização* era considerada a salvação para as Ciências Humanas. Essa modernização significa criar uma universidade de serviços, baseada na docência e pesquisa de resultado. O processo de salvação modernizante para a autora consiste em levar a ideia e a prática da privatização do público até as últimas conseqüências, pois as pesquisas não seriam privatizadas apenas pelo financiamento, mas seriam reduzidas a serviços encomendados, e estes seriam responsáveis em definir os objetivos, os padrões, os prazos e usos dessas pesquisas. Diante disso, a universidade, submetida a modernização neoliberal, destrói elementos de conquistas importantes: o trabalho autônomo ou a autonomia criadora e a dimensão pública da pesquisa, tanto na realização quanto na distinção.

Para Marilena Chauí (2001), propor uma universidade de serviços é causar seu fechamento em dois aspectos: primeiro, a terceirização funciona por fragmentação e dispersão, assim, o lucro aumenta de tal forma que o capital não precisará da universidade; segundo, a nova forma de acumulação do capital exclui e é antidemocrática, e, gradualmente, não precisará da universidade como espaço de direito da cidadania.

Jacques Derrida (2003) destaca que a Universidade sem condições não existe na prática, a universidade deve ser um espaço de resistência crítica em um processo que ele define como desconstrução. Para Derrida (2003), esse processo de desconstrução e construção a todo momento é importante, pois, através deste movimento, buscamos outras formas de

explicar um determinado fenômeno ou situação e libertando-nos de ideias que acabam se tornando a dominação da sociedade. Para o autor, a universidade deveria se opor a um grande número de poderes como os poderes de estado e poderes econômicos, a universidade está perante esses dois poderes, deixando, assim, de ser uma universidade sem condição. Para Derrida, *a universidade deveria, portanto, ser também o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura atual e determinada da democracia, nem mesmo a ideia tradicional de crítica teórica, nem mesmo ainda a autoridade da forma 'questão', do pensamento como 'questionamento.* (DERRIDA, 2003, p. 19).

Diante do exposto nos textos de Marilena Chaui (2001) e Derrida (2003), observamos uma transformação significativa nas produções acadêmicas no país. A universidade, e suas produções, seguem a lógica de mercado e suas exigências, o tempo da produção de uma pesquisa de qualidade é reduzido e elimina o eco dos excluídos da sociedade. Outro ponto importante é o que essas mudanças na universidade e suas exigências acarretam nos alunos. É possível encontrar reportagens que discutem o estresse significativo, resultado de pressão para um bom desempenho em curto prazo nos programas de pós-graduação. A Associação Nacional de Pós-Graduação trouxe um estudo sobre estresse e depressão na pós-graduação e destaca que em um estudo aponta que 89% dos estudantes apresentam sintomas de ansiedade, 64% de angústia, 63% de desânimo e 61% com dificuldades de concentração.

O pesquisador Robson Nascimento da Cruz, em entrevista para a TV UFMG sobre graduação *versus* pós-graduação, destaca que são inúmeras as dificuldades que os alunos de pós-graduação passam. Começando pelo processo de transição da graduação para a pós-graduação, esse processo acontece de uma forma brusca quando observamos a vida que o aluno leva na graduação e a vida que o aluno vai levar na pós-graduação. O outro ponto que ele destaca como dificuldade é a escrita. Na graduação, a escrita não define o aluno; entretanto, no mestrado e no doutorado ela vai definir o aluno, para ele essa é a maior dificuldade que o aluno enfrenta, podendo gerar um quadro de ansiedade grave, pois os alunos da pós-graduação acreditam que já deveriam saber escrever.

Ressalta a grande diferença de expectativas que o aluno tem na pós-graduação e na graduação. A pós-graduação é vista como um trabalho para o aluno e na graduação, a pós-graduação é vista como algo abstrato. Algumas pesquisas mostram que os alunos que estão em uma pós-graduação têm 70% de chances de desenvolver algum transtorno.

O pesquisador destaca que o ambiente da pós-graduação silencia diante do sofrimento do aluno, o que não deveria ocorrer, principalmente dentro das Ciências Humanas, onde esse

aluno deveria ter mais espaço para falar sobre seu sofrimento. Destaca ele também que a pós-graduação cria um sentimento de que as tarefas não foram cumpridas, a questão da fluidez do tempo e da rigidez do tempo se tornou maior, o que proporciona problemas de saúde ao aluno.

Além disso, um caminho importante para o aluno que deseja entrar na pós-graduação é conhecer o cotidiano de uma pós-graduação, conversando com alunos do programa e participando de aulas, bem como a importância de tomar a escrita como algo para ser desenvolvido, e não pensar a pós-graduação como um lugar de superioridade social, mas como um trabalho.

### **Dados da Pesquisa**

Para a realização da coleta de dados sobre as perspectivas dos alunos sobre a pós-graduação, produzimos um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre o que essas pessoas pensam sobre a pós-graduação, sobre universidade, o por que desejam realizar um pós-graduação, e outras questões acerca da questão. Realizamos também levantamentos de documentos e bibliográficos acerca da discussão proposta.

Buscando a análise das experiências e os motivos da realização de uma pos graduação entramos no mundo de nossos entrevistados em busca de respostas para nossas perguntas. Nesse sentido Clandinin e Connelly (2015) destacam em seus trabalhos sobre narrativa que o sujeito ao narrar sobre se si, elas também falam sobre suas experiências e as razões que as levaram a ser o que são hoje: “Desse modo, podemos pensar que, na construção de narrativas de experiencias vividas, há um processo reflexivo entre o viver, contar e recontar, reviver e recontar de uma história de vida.” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 108).

Para as autoras, o interesse em realizar pesquisa provém de suas próprias experiências de vida:

Nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma ao nosso enredo de investigação narrativa. Para nós foi a experiência de ensino e nosso forte interesse pela narrativa de outros professores e alunos que nos levam a estudar o conhecimento do professor e eventualmente nossa estrutura sobre os estudos relacionados ao conhecimento do professor em termos de conhecimento narrativo. (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 165)

Segundo Lakatos e Marconi (1993) o questionário é um instrumento para coleta de dados, onde será constituído por perguntas que serão realizadas para o entrevistado sem a presença do entrevistador:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS; MARCONI, 1993, p. 201)

Os levantamentos bibliográfico e documental, nas visões de Lakatos e Marconi (1993), consistem em levantar dados publicados ou registrados a respeito de um dado assunto, por meio de material científico. Estes levantamentos têm por finalidade permitir ao pesquisador o contato com todo o material escrito disponível a respeito de determinado assunto.

Sob a visão de Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa é descritiva. Nesse tipo de pesquisa os pesquisadores devem analisar seus dados indutivamente, tendo o processo e seu significado como seu principal foco. A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Nesse tipo de pesquisa o pesquisador é o principal instrumento para a obtenção dos dados, e o ambiente natural é tomado como fonte direta para a coleta de dados.

Para a produção de dados para o artigo realizamos um questionário com a seguinte temática: Pós-Graduação no contexto atual: perspectiva da universidade *versus* perspectiva do discente. O público alvo do questionário foram pessoas que ou estavam cursando uma pós-graduação ou que tinham interesse em realizar uma pós-graduação.

O questionário foi produzido com cinco perguntas mescladas em abertas e fechadas, e encaminhado por e-mail para 11 pessoas, e tivemos o retorno de todas as pessoas.

A primeira pergunta do questionário é sobre se o entrevistado atua (trabalha ou pesquisa) na área de sua graduação. Observamos que parcela significativa das respostas mostram que os entrevistados formam e atuam em sua área de formação, 72,2 % responderam que sim e 27,3% que não.

A segunda pergunta é sobre que as expectativas que os entrevistados têm ao procurar por uma pós-graduação. 45,5% dos entrevistados responderam que buscam conhecimento ao

buscar uma pós-graduação, seguido de profissionalização com também 45,5%, e 18,2% procuram como oportunidade de trabalho.

A terceira pergunta visa conhecer como os entrevistados imaginam ou concebem os programas de pós-graduação, podemos observar visões múltiplas sobre esta questão. Dentre as opiniões que recebemos, temos a de os programas de pós-graduação ser um espaço de múltiplos conhecimentos e de que esta precisa melhorar sua inserção social. Outro ponto levantado foi a questão de profissionalização. Os programas de pós-graduação, para alguns, são oportunidades para as pessoas se desenvolverem profissionalmente, e outra opinião dizendo que alguns programas se tornaram um lugar de transmissão de valores defendidos por parte do corpo docente em vez de serem espaços de discussão e desenvolvimento acadêmico-profissional. Alguns concebem o programa de pós-graduação como parte da sociedade atual, dessa forma, os programas estão em disputa de rumos e comprometimentos com a sociedade. Acreditam também que está acontecendo um sucateamento dos programas de pós-graduação por parte do governo, as pesquisas estão em retrocesso, resultado de pesquisas mais comprometidas com projetos individuais e profissionais e menos com a sociedade, principalmente na esfera da mudança.

Foi levantada também a questão de que os programas de pós-graduação são um lugar para o pensamento crítico, espaço para novos conhecimentos e profissionalização e que é um investimento necessário. Outro ponto levantado que concebe o programa de pós-graduação junto com o orientador tendo como foco o projeto de pesquisa. O programa de pós-graduação possibilita a o estudante aprofundar mais sobre o assunto específico que se interessou na graduação, podendo assim realizar pesquisas e produzindo materiais científicos que contribuam com o desenvolvimento de tal tema. Também é uma oportunidade de crescimento profissional obtendo um título.

A quarta pergunta é sobre que meios de comunicação os entrevistados utilizaram para obter mais informações sobre o programa em que se inscreveu ou pretende se inscrever. Podemos observar que 81,8% dos entrevistados possuem acesso a informação do programa pelo site do programa, seguido de 45,5% através de professores, 36,4% através de amigos e 9,1% de redes sociais.

A quinta questão nos trouxe uma visão grande sobre os problemas enfrentados e os pontos positivos nas universidades brasileiras. Foi destacado o poder de empoderamento da universidade, a universidade é um instrumento de crítica, reflexão e empoderamento dos sujeitos sociais que estão em luta por uma sociedade mais justa e equitativa, porém existe um

projeto conservador que distancia a universidade desse papel. As respostas também demonstraram que o espaço da universidade ainda reflete o pensamento do corpo docente, mas várias delas se admitiram como pessoas contrárias à visão conteudista do conhecimento impositivo, que questionam a forma de ser e de fazer a Universidade, através da realidade em que vivem. A maioria considera que a universidade, apesar de seus conflitos internos, apresenta posições definidas, porém, é possível observar que os entrevistados destacam que a universidade passa por um por momentos delicados sobretudo por questões políticas, a universidade precisa também superar a questão da dicotomia teoria-prática e que deve melhorar sua qualidade de ensino. A universidade deve continuar sendo pública, gratuita de qualidade e acessível a todos os cidadãos. A popularização da universidade é positiva, porém o abandono das universidades públicas é um problema. Falta material de básico para higiene e estrutura digna para estudo e trabalho e com despesas atrasadas e acumuladas. É destacado que essa realidade não pode ser motivo de desânimo, mas de motivo de luta para garantir que o dinheiro público seja investido em um setor importante como da educação. Precisa valorizar mais os professores, onde o que se percebe é ao contrário, os salários dos professores estão sendo reduzidos o que pode levar futuros profissionais a se afastarem da vida acadêmica, tornando a educação superior defasada, o que já é notável no ensino de nível médio e fundamental. É importante que todos tenham acesso à educação e que professores e alunos e profissionais da área tenham dignidade.

### **Considerações Finais**

Por um ponto final nessa densa discussão é um grande desafio, em virtude da necessidade em avançar em algumas problemáticas citadas ao longo do texto e, que tanto afligem o espaço universitário, bem como os seus adeptos. Sabemos que em relação à população no geral brasileira, poucas pessoas possuem a oportunidade em adquirir uma formação de nível superior, desse número ainda se restringe, há outra pequena parcela que adentram as pós-graduações *stricto sensu*.

Em suma, decorre por vários motivos que perpassam tanto a necessidade em inserir-se no mercado de trabalho, a fim de propiciar o sustento individual ou familiar, quanto por possuir poucos recursos financeiros e tempo para dar continuidade aos estudos. Aqueles(as) que buscam a pós-graduação muitas das vezes não a percebe como um lugar que mesmo

despertando o conhecimento, ainda assim necessita atender aos anseios econômicos instituídos na maioria das vezes por interesses internacionais.

Diante dos desafios a serem vencidos pela universidade, sobretudo na conquista utópica de autonomia, precisamos reconhecer que as pluralidades de perspectivas dos alunos, à medida que possam ser dialogadas tendem a influenciar um novo contexto para a educação no Brasil. Esse silenciamento precisa ser expresso, a fim de ampliar os discursos e torná-los mais próximos da realidade vivida por tantas pessoas que acreditam e lutam diariamente por uma educação democrática, de qualidade e de direitos de todos(as).

Diante do exposto sobre a universidade Brasileira *versus* o aluno, podemos observar a partir das análises de teóricos, aqui apresentados, é que, apesar de ser um espaço de criação de fomento científico e de pesquisadores, ainda existe muita coisa para se pensar e repensar. A universidade e as pesquisas produzidas por ela, ainda vivem sob os domínios de grandes financiamentos e privatizações, onde estes serão os únicos a dizer o que deve ser produzido e a forma como deve ocorrer eliminando assim os ecos das excluídos da sociedade de nossas pesquisas. É importante que as universidades também prezem mais pela formação dos alunos contribuindo assim com seu crescimento e expectativas.

É importante ressaltar que ao analisar as entrevistas podemos observar que a universidade é valorizada, mas ainda precisa melhorar em muitos pontos, sendo democrática e acessível a todos, principalmente ser um espaço de produção de conhecimento de qualidade que contribua com os que não têm acesso aos seus bancos e que continue garantindo o direito de uma educação de qualidade, mesmo perante a todo sucateamento do governo e a crise política.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Cursos de pós-graduação tiveram crescimento de 23% nos últimos três anos. Brasília, dezembro de 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/212-noticias/educacao-superior1690610854/20018-cursos-de-pos-graduacao-tiveram-crescimento-de-23-nos-ultimos-tres-anos>. Último acesso: 18 de Julho de 2017.

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. v. 24, 2003, p. 5-15. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DERMIVAL, Saviani. A Pós – Graduação em Educação no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas. **Revista Diálogo Educacional**. v. 1, 2000. p. 1–95. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=703&dd99=view&dd98=p> . Acesso em: 15 de Julho de 2017.

DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição**. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

FONCECA, Pedro César Dutra. Keynes. **O liberalismo econômico como mito**. Economia e Sociedade. Campinas, 2010. p.425-447.

GATTI, Angelina B. Reflexões sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimentos e poder. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, 2001 , Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n18/n18a10.pdf> Acesso em : 14 de Julho de 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Org. Tomaz Tadeu da Silva. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNTA, Cristiano. **Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver**. 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/estresse-e-depressao-na-pos-graduacao-uma-realidade-que-a-academia-insiste-em-nao-ver/>. Acesso em: 18 de Julho de 2020.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

SEVERINO, Antônio J. **Pós-Graduação e Pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento**. Revista Diálogo Educacional. v .9, 2009. p. 13 – 27. Disponível em: [www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=2580](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=2580). Acesso em: 15 de Julho de 2020.

SILVA, Edna L.; MENEZES, Estera M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed.. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Maria José da. **A história do campus avançado de Catalão da Universidade Estadual de Goiás: 1983-2002**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

TV UFMG. **Saúde Mental dos Pós-Graduandos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4sFLYZuQ3g&t=627s>. Acesso em: 18 de Julho de 2017.